

IMORAL E SEM VERDADES: O ESPÍRITO LIVRE NIETZSCHIANO

Rogério Santos dos Prazeres⁷⁰

Resumo: Este texto visa explicitar uma crítica da moral basilarmente primada no valor da verdade, empreendida a partir de Friedrich Nietzsche. E como tal, trata-se de distinguir os desdobramentos de uma interpretação acerca do Espírito Livre, cuja perspectiva imbrica vontade de potência e vontade de verdade. O intento é o de apresentar uma alternativa ao niilismo e à moral de rebanho. Com isso, o propósito está em considerar a ótica nietzschiana sob a existência livre, ou, mais especificamente, contra os condicionamentos de servidão à vida humana. Não obstante, isso corresponde assegurar uma proposta de ética, que em Nietzsche é conjecturada invertida. Isto é, desde a refutação da moral e da verdade tradicionalmente concebidas. A ponto de se valorar a legitimação da independência dos impulsos e extintos para além dos discursos interpretados pelo humano. E que, por apreciação da perspectiva nietzschiana, por isso mesmo a moral deve ser desanexada de posturas dogmáticas ou impositivas.

Palavras-chaves: Moral; Verdade; Espirito Livre; Niilismo.

Abstract: This paper aims to make explicit a critique of moral specifically from the value of truth by Friedrich Nietzsche. And as such, the idea is to distinguish the unfolding of an interpretation about the Free Spirit whose perspective relates to will of power and will of truth. The intention is to present an alternative to nihilism and herd morality. Therefore, the purpose is to consider the Nietzschean view of free existence, or, more specifically, against the conditionings of servitude to human life. Without opposition, this correspond to ensure a proposal of nietzscheana ethic placed inverted. That is, since the refutation of moral and truth traditionally with were conceived. In the point of assessing the legitimacy of the independence of the impulses and extinct beyond the discourses interpreted by the human. And that, by appreciation of the Nietzschean perspective, for this reason morality must be detached from dogmatic or imposing positions.

Keywords: Moral; Truth; Free Spirit; Nihilism.

70

Considerações prévias

O tema da moral atrelado ao da verdade constitui objeto relevante para o estudo da ética. Itinerário inevitável, este tema acentua importantes convergências para a filosofia política face ao agir do homem contemporâneo. Portanto, as discussões teóricas sobre a moral e a verdade justificam-se por engendrar tessituras de diversas áreas do conhecimento filosófico, com possíveis contribuições ao cultivo da vida.

Subjaz nisso que a necessidade de verdades valora a compreensão da história humana, de modo que cada cultura constrói as particularidades de sua identidade, em que os referenciais para esta construção estão na maneira como se interpreta a vida. Uma vez que é partir da “interpretação” que o ser humano age no mundo, não é possível se resguardar de confrontos no conjunto das experiências existenciais coletivas. Isto é, por meio de interpretações não só um indivíduo se questiona para colocar em *check* os elementos das cosmovisões, mas também o agir e as interpretações dos indivíduos que o cercam.

Com base na relevância desse assunto, o presente artigo propõe-se investigar a temática da moral sob o constructo da verdade, sobretudo ante ao paradigma do espírito livre. De sorte que este texto visa explicitar os desdobramentos da compreensão de moral, prezando-se antes de tudo a perspectiva do conhecimento da verdade primada em Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900).

Preambularmente, a despeito da temática sugerida, buscarei distinguir a relativização dos valores morais sustentados em decorrência dos discursos sobre as verdades (VATTIMO, 1990), defronte o espírito livre nietzschiano. No caso, ao se assegurar o propósito desta pesquisa, sustenta-se também que o filósofo empreende uma filosofia da vida (NIETZSCHE, 2004). Isso não é nenhuma novidade porque a obra nietzschiana está pautada pelo questionamento da moral, em que o *Übermensch*, para o nosso filósofo, é o “sobre homem” (2002a), cuja conduta não é outra senão a de transvalorar valores e transpor os limites humanos, enquanto afirmador e reivindicador da vida.

A postura nietzscheana confronta então os valores estabelecidos, sejam eles de natureza terrena ou supra terrenos. Ora, o estabelecimento de valores é contraditório à vontade de potência, segundo nosso autor (2006), para ordenar as condutas e disciplinar os arrebanhados, tornando-os mansos e engajados.

Imoralmente, uma vez que o humano, de acordo com Hilton Japiassu, proponha-se a amar a vida e viver em um mundo onde Deus está morto (1988), o que passa a conferir sentido à vida na terra é a busca pelo “sobre-homem”. Desvencilhado de convenções, o próprio homem é quem deve assumir e valorar a vida, interpretar o mundo para nele agir. Do ponto de vista de Nietzsche, transvalorando-se todas as determinações ao querer para si a vida, impreterível e integralmente, sem qualquer ser que a regre e conseqüentemente dê sentido ao mundo.

Com o advento da modernidade, precisamente após a Renascença, o homem passa a aceitar sua condição de ser um criador, revisor e demolidor de valores. Para Nietzsche, “ao falar do valor da vida falamos sob a inspiração e através da óptica da vida. A própria vida nos obriga a determinar valores, a própria vida evolui por meio de nossa mediação quando determinamos esses valores” (2006, p. 37). Inegavelmente, os valores são transmitidos na esfera cultura, e nessa mesma esfera, assimiláveis e transmutáveis. É aí que os novos valores surgem superando e conformando os valores antigos.

A referência para a transvaloração é o método filológico e genealógico (HÉBER-SUFFRIN, 1991). Emblemático, Nietzsche se apresenta crítico da cultura cristã e do pensamento dualista socrático-platônico. Podemos notar que isso se dá principalmente pelo falseamento empreendido com base nos valores da religião, o que favorece o desprezo pelo que é terreno para conduzir os homens ao avassalamento moral.

Nietzsche, por isso, prefere fundar, a partir do questionamento das condutas morais, o conhecimento em favor da vida (NIETZSCHE, 2002a). Mais especificamente na "afirmação da vida" fora da herança das tradições. Ao se falar numa desconsideração da metafísica da religião, a imoralidade nietzscheana se mostra como uma rejeição às formas de negar a vida, ou a vontade de viver livremente. Trata-se de uma contra perspectiva na qual ele reivindica para si a autoafirmação de valores, livre de ditames preconcebidos.

Sem dúvidas, as obras de Nietzsche nos mostram como a perspectiva do filósofo perpassa, inclusive, a maneira de escrever. A adoção de um estilo aforismático e o recurso de metáforas e figuras de linguagem caracterizam-se, como manifesta rejeição da tradição socrática e toda a terminologia inerente.

A empresa de avaliar as interpretações que garantem a determinação de verdades preconcebidas, com o intuito agir, segundo costumes ditados, e adequarmo-nos às padronizações, a título de informação, nos conduz à revisão da filosofia socrático-platônica, no sentido de ser uma proposta que acaba por dar bases ao cristianismo, que por sua vez incuti fragilidade e desejo de subserviência no homem.

Com isso, Nietzsche opõe-se ao modo lógico-racional de conceber a vida e a busca do bem ou aquilo que pode ser chamado de ideal. Ele não se interessa pelo supra-sensível. Muito menos quer sobrepular o instinto e elevar a consciência, ou a aparência, em nome da instauração de verdades. Visto que, para Nietzsche, a assimilação de valores como falsos ou verdadeiros resulta na decadência da vida. Daí que o filósofo propõe uma crítica às posturas em favor do bem contra o mal, ou vice-versa, a começar das dicotomias do cristianismo entre mundo verdadeiro *versus* mundo aparente; alma-corpo. Para ele, nada mais que termos de uma moral de escravos, um meio de validar os discursos de contraposição à moral dos senhores.

Quanto a isso, o que está escamoteado nesta moral de escravos é uma postura desejosa de vingança. Uma vontade de afirmação suprema imbuída de dor e culpa contra o que é estranho ou desconhecido, desafiante, ou mesmo enigmático na vida (NIETZSCHE, 1999). Para “desmistificar” tal postura, Nietzsche nos propõe “filosofar com o martelo”. Com o filósofo, a problemática da interpretação favorece desconstruir a moralidade a partir do paradigma do homem livre.

É assim que ele evidencia uma filosofia reconhecedora e conseqüente com aqueles que querem destruir os ídolos de suas verdades (2002a). Nisso, Nietzsche nos convida a interpelar pelos critérios de verdade e destrincha-los para olhar como, de fato, eles são, e como cotidianamente são estabelecidos no seio da cultura e, ainda, como perduram nas maneiras de se interpretar a vida.

A propósito, Nietzsche compreende a verdade nada mais como uma construção do humano, notadamente, implicada em esquemas e conceitos que sustentam determinações morais. Por isso ele questiona os pressupostos das verdades assimiladas como absolutas, justamente quando, afinal, não são. Tanto que, para Nietzsche (2002b), não há verdades absolutas. Por conseguinte, o filólogo bate o martelo de sua crítica na rejeição da vida

proveniente de conceitos que nos fazem ser quem não somos (NIETZCHE, 2004), que nos aprisionam (1999) e instituem para nós costumes alheios, crenças e esperanças.

Sobre a relação entre moral, verdade e liberdade, o que se verifica é a simbiose de interpretações e investigações que atrelam estes termos à existência do homem como obra de arte. Acarretando séculos de discussões, os questionamentos pela efetividade das relações que se possam fazer entre o que é moral e imoral; liberdade ou escravidão, perduram nas reflexões políticas e são involucradas na filosofia desde a antiguidade até hoje.

Vige o argumento de que o imoral constrói a própria interpretação da vida fora do rebanho, este argumento se mostra como a motivação deflagradora desta tessitura textual. No tocante a presente proposta, está em relevo no pensamento de Nietzsche a crítica à moral que sustenta verdades para todos – que obstrui interpretações que questionam as certezas que movem a coletividade.

Dado ao exposto destaca-se a pertinência acadêmica concernente a esta pesquisa no campo da filosofia. A saber, o tema da moral está entretido no problema da vida. E que por sua vez instala-se na análise da vontade de potência já que se trata de uma temática atual, na imprescindível conjectura dos estudos socioculturais. Sobretudo, no que tange a qualidade de vida e interpretação da realidade para concebê-las ou para justificá-las. Inclusive concernentes às viabilidades e interesses degenerados, ou atrelados às afirmações de verdades para depreciar o interesse pelo mundo sem Deus.

Inicialmente, pretende-se trazer à tona a importância da "imoralidade" na filosofia nietzschiana; para então discutir a negação de verdades convencionais. Prezando nisso a justificação existencial livre e deslocada de determinismos que visam impedir o homem de amar o mundo. Nesse ponto, priorizarei a postura do espírito livre em Nietzsche para afigurar uma crítica aos valores da coletividade que ofuscam o prazer de existir livremente.

Aqui já exponho que o fio condutor desta pesquisa defende o amor pela arte da existência em primeiro lugar; e a dimensão do que se pode chamar de verdade para bem viver. Daí então que se vislumbra a relativização cultural e a corrupção dos anseios mais nobres relacionados à educação das sociedades e suas formas da *praxe* política. Sem embargo, consistindo na desvalorização da ética correspondente com existência feliz do humano, na relação com outros.

Posteriormente, verificaremos a relação entre vida e verdade. Analisaremos a relação da moral com a verdade a fim situar a importância da liberdade no pensamento filosófico ético-político. A bem da compreensão destaca-se que as análises e interpretações dos dados bibliográficos, de minha parte, visam explicitar o assunto e provocar novos questionamentos no processo de produção de conhecimento quanto à leitura dos textos nietzschianos.

A respeito do objetivo do texto, a concepção filosófica de Nietzsche revolve, numa proposta de existência desarrebanhada, o interesse por espíritos livres intimamente comprometidos com exigência de afirmar o homem como ser capaz de destruir e criar valores. Uma arte de viver feliz consoante à vontade de potência e a utilidade da verdade. Neste trabalho, por assim dizer, a questão central está em esclarecer o repúdio de Nietzsche ao labor que recusa possibilidades de outras interpretações e maneiras de viver a vida.

Quanto às interpretações, elas supõem uma investigação sobre as possibilidades de aceite ou não de discursos. Mas aqui o foco se dirige aos “ditames inteligíveis” ou de convencimento da “melhor interpretação”, que deve provocar as massas ao seguimento contanto que controladas. Nada mais que uma prática terapêutica para domesticar, para lidar com as frustrações e levar os “imorais” à conversão, um meio de ignorar o horror e a dor, com o intuito de subjugar o animal humano e torna-lo dócil.

Logo, por um lado, o imoral que apresentamos não compactua com a decadência da vida sob controle de outrem ou de grupos. Todavia, por outro lado, a leitura desde a filosofia nietzschiana expõe uma crítica aos condicionamentos, às interpretações concebíveis como obedientes e alinhadas com visões de mundo institucionalizadas, distintas da natureza do homem, para torna-lo servil, e, produtivo segundo interesses escusos.

Interpretar e valorar livre de verdades

Na Genealogia da moral, Nietzsche predis põe-se a “desmistificar” valores apregoados pela cultura cristã, que em última análise ocultam interesses de subordinação. Para ele, a defesa de valores absolutos está descomprometida com a vida e comprometida com a falsidade. Tais valores são úteis, porém, para forjar a verdade de um mundo além-vida ou na servidão. Isto é, para justificar um “aprisco” a salvo da imoralidade quando o intento, entretanto, é tranquilizar e arrebanhar escravos.

Isso se deve à necessidade de falsificar as avaliações valorativas de quem está além do bem e do mal; e, então substituí-las por valores decadentes, a fim de apartar o rebanho daqueles que não compactuam com a servidão. Assim se caracteriza distinto um esforço de segregação.

Dito isso, podemos notar a vontade de poder que deseja oprimir e diminuir a resistência, inviabilizando-se discursivamente a nobre interpretação. Mostra-se aí o desvelamento do que é baixo, ou seja, uma postura de vigilância ou de refutação da vontade potente, da autoafirmação: próprias daqueles que se dispõem a confluências de forças para banir as reflexões opostas à moral que escraviza.

A esse respeito, entende-se que os ditames do comportamento humano possuem um caráter dogmático que deve ser propagado falsamente. Aí a instância do discurso se implica peremptória acerca dos princípios de uma ideologia em vigor. A final, com a discursividade é possível pautar a certitude do bem contra o mal; o bom; e dizer o que deve ser entendido como belo; o que é a justiça, e convencer “o injusto” que rejeita fazer o “correto”; sobretudo para ditar a legalidade provendo o convencimento do que é a ação socialmente válida e legítima.

Num intento de torção do discurso dogmático, Nietzsche levanta precisamente a pergunta pelo desenvolvimento da moral. Ele se debruça sobre a estipulada segurança condutora ao que é correto e bom em si mesmo. Em cujo fim conforma pressuposta a liberdade e a felicidade. Nisso reside o sentido da busca por uma ordenação não convencional. Contra o bem em si mesmo, nas palavras de Nietzsche, “todos os fins, todas as utilidades são apenas indícios de que uma vontade de potência se assenhoreou de algo menos poderoso e lhe imprimiu o sentido de uma função” (NIETZSCHE, 1999, p.12) de tornar o homem obediente.

Com isso, a postura moral coletiva se implica à carência de fundamentação prática para estruturar na verdade numa função que atrela “seguimento” (tutela), existência, e, sentido da vida. E é aí que está a fragilidade, porquanto, ao se estabelecer as verdades, incorre-se no risco de inviabilizar a autodeterminação, e propiciar a ilusão e a desvalorização da vida.

A justificativa dessa inviabilidade está em favor da metafísica que se principia como alternativa ao vazio de sentido. Ora, se não há na vida nenhuma conferência razoável acerca da seguridade do que é o certo e o bom, então a metafísica, por assim dizer, serve de

complemento sedutor. Tratando de sanar a lacuna designativa quanto ao “certo” ou o que é o “bem”, ademais, a metafísica e a liderança é uma maneira imperativa de se a afiançar a garantia do comportamento “padrão” a ser seguido.

Pois bem, a finalidade do padrão é facilitar a operabilidade, por meio de uma marca conceitual, para efetivar a identificação e o controle. As condições comportamentais estipuladas têm como fim coagir à obediência estrita da lei. Dado que a estipulação da lei e o conhecimento dela passam a servir como mecanismo de domesticação e massificação dos homens. Provendo-se com discursos doutrinários o sentido da vida e conformação a ela.

No entanto, a imoralidade nietzschiana vigora-se cultural enquanto acontecimento processual e histórico. A pedra de toque então está em perceber que os fenômenos morais comportam argumentos do controle e padronização. Eles, enquanto meios para conformar as vontades não são originários da força do homem, e muito menos possuem uma história que imbriquem liberdade e vida (MARTON, 2000). Ao passo que a existencialidade não está fundada na procura pela verdade, mas, sim, no desejo mesmo de continuar a existir.

Nesse aspecto, é preciso desvincular Nietzsche de qualquer tradição filosófica que assuma “a verdade”, ou “verdades”; o “bem” e o “mal”; que sustente o “certo” ou o “errado” com o intuito de vigorar no discurso a provisão moral segura. A desvinculação que queremos esclarecer se dá pela configuração histórica do bem e do mal porque, não de outro modo, são constructos humanos. Isso implica dizer que uma configuração histórica da moral desestabiliza as propostas que tenham como pano de fundo a metafísica ou a razão, por mera vontade de poder e se colocar acima da massificação.

É o homem que dá sentido às coisas e compreende o mundo no crivo da história. Preponderantemente, importa é o ato da criação de significados ou as ressignificações deles. No panorama linguístico, Nietzsche desarticula o sentido da vida provido de valores metafísicos, de supostas divindades, ou mesmo na lei. A opção por uma passagem do discurso dogmático para a fundamentação da vida na história centraliza o homem como o único responsável e legítimo senhor de sua própria vida.

A conduta humana é vislumbrada, portanto, pela perspectiva histórica dos conceitos e discursos do homem. Embora os discursos sejam colocados sob suspeita é preciso, no entanto, distinguir a instância historiográfica. Em concordância com Nietzsche, há que se aterem os

intérpretes ao sentido das narrativas, os exemplos que ficaram resguardados nos mitos e nos eventos passados, e que persistem para elevar a postura do homem em seu percurso histórico.

Com efeito, o método do anunciador da morte de Deus é chamado de genealogia por arremeter a uma origem histórica, podendo-se confrontar os argumentos e verificar a razão deles. Pela genealogia se dá o desvelamento das intencionalidades incrustadas na lógica conceitual. Porém, a lógica é frágil quando identificamos o interesse motor dos argumentos, e que, na prática, a lógica se mostra útil nas geratrizes do surgimento e condução das intencionalidades afiançadas nas lideranças morais.

Contrafaticamente, temos nisso o oposto da razão lógica. De acordo com Foucault, está aí um esforço amparado pela lógica de seguimento da tradição, pois, “a mais pura possibilidade, sua identidade cuidadosamente recolhida em si mesma, sua forma imóvel e anterior a tudo o que é externo, acidental, sucessivo” (1979, p. 18) tenta velar a ideia de praticidade. Para dar a aparência de imutável e a-histórico. Cujas únicas funções, de acordo com Deleuze, estão alinhadas com o favorecimento de enganos, ajustada à intenção de conceber a formulação de “verdades” desanexadas de uma origem.

Genealogia quer dizer ao mesmo tempo valor da origem e origem dos valores. Genealogia se opõe ao caráter absoluto dos valores tanto quanto ao seu caráter relativo ou utilitário. Genealogia significa o elemento diferencial dos valores do qual decorre o valor destes. Genealogia quer dizer, portanto, origem ou nascimento, mas também diferença ou distância na origem. Genealogia quer dizer nobreza e baixeza, nobreza e vilania, nobreza e decadência na origem (DELEUZE, 1962, p. 14).

A consequência do empreendimento nietzschiano opera uma inversão interpretativa da moral ao avaliar criticamente os valores. Deleuze ressalta que o método genealógico possibilita a apreciação das geratrizes que determinam os valores, isto é, desde a origem (1962). Não uma origem alocada numa ingenuidade, numa maneira simples conceber a verdade, ela mesma intacta, protegida por dogmas, mas pelo contrário, pela atualização do sentido que ela carrega o significado válido e útil para a prática interpretativa.

Enquanto método, o mérito está em trazer à tona as ocorrências de modificações, adaptações para resistir às ações de falsificação da história, modificações do sentido e variações terminológicas para dotar a tradição de ilusões. Exclusivamente para resistir à ação do tempo. De acordo com Foucault, depreende da atualização o interesse pela pesquisa do significado e seu sentido útil. O intento da pesquisa deve revelar a variedade de sentidos, a

funcionalidade de suas ocorrências ao se colocar à luz as verdades no processo de investigação, sobretudo para compreender e explicar a relação de forças (FOUCAULT, 1979) que corroboram a intencionalidade por trás das verdades.

Gilles Deleuze, por sua vez, acentua o surgimento de novas interpretações e sentidos a partir do valor dos valores (1962). Conformemente, interessa-nos então a provisão de valores. Ora, os valores não são quistos por serem propriamente valores, mas pelo diferencial de utilidade que eles possuem ou representam. Tanto que, para Deleuze, “não são os valores, mas as maneiras de serem modos de existência daqueles que julgam e avaliam” (1962, p.2). Isto é, se são plausíveis de consideração determinados valores; se são importantes ou não; ou se é necessário refutá-los.

Em síntese, entendemos que na perspectiva de Nietzsche a tarefa filosófica a ser desempenhada consoma um processo de crítica e criação. Distintamente, crítica da baixeza e criação do que nobre – denotando a diferença específica no processo. Pois, segundo Deleuze, o “valor tem sempre uma genealogia da qual dependem a nobreza e a baixeza daquilo que ela nos convida a acreditar, a sentir e a pensar” (1962, p. 2). E que, por sua vez, para Nietzsche significa avaliar a “hierarquia inteira de valores, a ponto de se determinar, por fim, uma tábua de bens” (1992, p. 268). Num anúncio relevante para o viver humano que se caracteriza por revelar, constatar, e anunciar e viver a variedade de sentidos possíveis.

Nietzsche se opõe a conceber uma moral absoluta. O mesmo se pode dizer da verdade, que por muito pouco não se distingue da crença. Aliás, talvez a diferença específica esteja na suposição de que a verdade é o que provoca adesão aos discursos morais que agrupam indivíduos. Quanto a isso, constatamos que o problema da moral destaca-se no valor da verdade para domesticar o ímpeto. E isso acontece por causa da vontade de verdade, um impulso, um querer fisiológico atrelado à vontade de poder. De outra forma, a dominação do homem pelo homem não seria possível se não fosse a realização da vontade. Evidencia-se então a vontade do forte que submete a vontade do fraco discursivamente. A concepção de vontade forte nos mostra que da urdidura de moralidades, que se implicam mutuamente, surge a declaração conceitual hierarquicamente definida. Nas palavras de Nietzsche, impõe-se, assim, “verdades mais verdadeiras que outras” (1999, p. 18) para enfraquecer a vontade do homem de se manifestar.

Desbravar com o espírito livre

Avesso à filosofia da consciência, para Nietzsche o problema da verdade oculta dogmas que enraízam na cultura um conhecimento que não se pode expor. A impossibilidade de expor um determinado conhecimento se justifica pela crença, como já dissemos, em algo que se afirma veraz. Todavia, é ledo equívoco de interpretação. De acordo com a filosofia nietzschiana, isso se deve à exploração da capacidade de criatividade. A ponto de se situar ordenamentos fora da experiência da vida ou no sentimento de esperança.

Nesse sentido, o que se busca seja com “o mundo interior” de pensamentos, seja com o além-mundo é figurar a constituição das aparências. O estanque do mundo fenomênico surge de modo a se valorizar a validação de dogmas cumprindo uma função social. A criatividade é usada para validar constructos linguísticos discursivos. A verdade, assim, pressupõe a força criadora com base na vontade de poder.

De certo modo, segundo Nietzsche, a criação de verdades é até necessária. Considerando-se a necessidade de autopreservação da espécie, a valoração da verdade assegura a função reguladora das vontades. Mesmo no sentido de “contenção” pode se dizer que a constituição de crenças com valor verdade é um erro, criativo, necessário.

Somos nós apenas que criamos as causas, a sucessão, à reciprocidade, a relatividade, a coação, o número, a lei, a liberdade, o motivo, a finalidade; e ao introduzir e entre mesclar nas coisas esse mundo de signos, como algo ‘em si’, agimos como sempre fizemos, ou seja, mitologicamente (NIETZSCHE, 1992, p. 21).

A verdade, enquanto falsificação utilitária dá-se na explicação. Ainda que ilusória está dotada de pressuposições de sentido. Inclusive com toda carga lógica ou mesmo metafísica. Nesse caso, a vontade de verdade se relaciona com a vontade de engano. Esta alicerça para a cultura uma perspectiva histórica da moral; e aquela propicia a fortificação do desejo de autopreservação ou preservação da espécie. Sem dúvidas, isso diz respeito às obrigações e cumprimento de regras no rebanho. Como se pode verificar, a vontade de verdade serve tanto para propor regras e normatizar condutas quanto para dizer de necessárias para os fracos. E a eles assegurar uma moral.

Primordialmente, reconhecer algo como verdadeiro coloca no panorama da interpretação gamas extensas de possibilidades, estratégias de arrimos. Como já insinuamos

acima, a falsificação e o engano são mais importantes à vida que a verdade. Conforme Nietzsche, porém, no problema da verdade está a disseminação do niilismo.

Isso instaura, entretanto, um senso de perspectiva de vida que aponta para a parcialidade da afeição (1976), porque é pela via das “nossas necessidades que interpretamos o mundo: nossos instintos a favor e contra. Cada instinto tem uma certa necessidade de dominação, cada um possui sua perspectiva de impor norma a todos os outros instintos” (1976, 7:60). Nisso denta-se o risco de agir conforme um conhecimento considerável inútil, que na prática não é realizável e nem inspira a relação forte do homem com o mundo.

Os desdobramentos de “novas interpretações” resultam para o humano num envolvimento protagonista e crítico. Na visão de Nietzsche, “o grau de força de vontade se mede pelo quanto podemos nos dispensar de ver o sentido nas coisas, pelo quanto se suporta viver em um mundo desprovido de sentido” (1976, 9: 60). Justamente porque a distinção de perspectivas em Nietzsche se dá enquanto “mais afetos permitirmos falar sobre uma coisa, quanto mais olhos, diferentes olhos soubermos utilizar para essa coisa, tanto mais completo será nosso ‘conceito’ dela, nossa ‘objetividade” (1992, p. 12). Só desse modo que o vínculo entre interpretação prática do sentido da vida e a força do homem permanece intocado.

A eficácia do vínculo entre força e praticidade, como componentes ativos na interpretação do sentido da vida, multiplica as razões para se preencher o vazio que o abandono de interpretações dogmáticas relegou ao homem. Se, somente se, é o homem que dá sentido forte à vida, é ele que deve se colocar em condições de fazer interpretações fortes acerca dos mais variados sentidos que lhe surgem. Sem embargo, é o homem o único responsável pela expansão e diversidades de novas interpretações. Ao predispor-se ao acréscimo de sua ação experimental, o homem vale-se das perspectivas mais úteis para agir e reagir na vida.

Ao se falar de criatividade, não só se assume na abordagem nietzschiana a invenção em evidencia, mas também novas descobertas para transpor o robustecimento do problema da verdade. Com a criatividade, Nietzsche refuta a verdade como explicação última, outorgada, segura, medianamente aceita.

Devido a criatividade, Giacóia entende que transpondo o problema da verdade “resta apenas o poder infinito da interpretação instituidora de sentido e de valor” (2005, p. 33-4).

Nisso Concorda Wotling (1999), pois, não de outro modo, a dimensão trágica provoca reagir aos desafios com espírito criativo; e que, segundo Nietzsche, é preciso resistir às vicissitudes, e assim “ter uma força e uma mobilidade absolutamente diferentes para se manter, firmemente, em um sistema inacabado, junto a perspectivas livres e abertas do que para permanecer em um mundo dogmático” (1982, 34: 25), que não se sustenta ante a possíveis questionamentos.

Na respectiva moral, afirmada por Nietzsche, a verdade, portanto, conforma-se às necessidades culturais. O conhecimento da verdade se desvela então nos limites da apreciação e valoração das interpretações. Em suma, “nas apreciações de valor se exprimem as condições de conservação e de crescimento” (NIETZSCHE, 1976, 9: 38). Bem como “a confiança na razão e em suas categorias, na dialética, as apreciações de valor da lógica provam apenas a utilidade destas para a vida, demonstrada pela experiência: não sua ‘verdade’” (*Idem*). Concluimos, portanto, ser próprio do humano a criação livre dos sentidos das coisas. E não menos, da própria confiança de suas escolhas conforme às próprias experiências, e nada mais se interpõe nisso. Destarte, não há qualquer valor absoluto na verdade, ou nas verdades, a menos que se queira. E que Nietzsche destaca: “cada crença é um *ter por* verdadeiro cuja origem reside em nós mesmos” (1976, 9: 41), consistindo-se numa vontade de verdade que se dá pelo querer e valorar ilusões, restritas a uma vontade de engano.

A partir do instante que Nietzsche constata a morte de Deus vigora-se o findar de uma moral embasada na seguridade de um ser superior ao homem. Com o fim de um ser que, supostamente seria provedor e organizador da vida para todos surge o perigo. A instabilidade é suficiente para instaurar pessimismo e preocupação com uma vida sem um ordenador para estruturar. Contudo, em Nietzsche, isso não é problema.

Aí está a possibilidade para o espírito se libertar de todos os seus ídolos e conceitos com que lhe aprisionaram. E deparar-se com um novo desafio. Um desafio em que o próprio espírito livre é quem deve dar conta da própria existência. E por isso, ir além das tradições morais com que lhe acorrentavam a potência de se reconhecer “compositor” da realidade. Na insegurança é possível ver o mundo conforme o próprio instinto, importando somente seus impulsos naturais. E defronte às existências do mundo, afirmar-se perante o que lhe sobrevém como ser de livre vontade.

Com o fim da segurança, do abandono do pensamento que pensou-se forte, mas que se extinguiu, torna-se inevitável desbravar e experimentar a vida livre de dogmas. Senti-la com toda intensidade. Não há como se furtar dos desafios em busca de um horizonte; não há como ignorar a novidade; e ainda que ela se mostre perigosa há que ser experimentada. A metáfora da navegação é usada por Nietzsche para exemplificar o receio que se tem da novidade a ser experimentada e avaliada. Pode-se entendê-la como uma advertência quanto ao novo conhecimento seguro que deve ser avaliado com cautela. Embora receável, “enfim o horizonte nos parece novamente livre, embora não esteja limpo, enfim os nossos barcos podem novamente zarpar ao encontro de todo perigo, novamente é permitida toda a ousadia de quem busca o conhecimento” (NIETZSCHE, 2002, p. 34) para desbravar a vida.

A icônica morte de Deus significa o fim da “obediência” ao provedor da segurança, o fim da “escravidão inescapável”. E com ele se foi toda a esperança nos ídolos e conceitos de outrora, tornando possível assumir os próprios conceitos sem uma moral absoluta para pautar a experiência da vida. A sabedoria em Nietzsche é transmutada de referencial, podendo-se desbravar diversas possibilidades. Antes do fim de Deus, o saber estava no seguimento, entretanto, passa a ser o “agir de quem tem o espírito liberto” e arrisca-se às criações.

Na insegurança, por si mesmo e independente, o homem atribui seu “querer” para a própria vida. E coloca-se defronte ao que Nietzsche exemplifica com a metáfora do labirinto. Pois, em “um labirinto, multiplica-se mil vezes os perigos que o viver já traz consigo; dos quais um dos maiores é que ninguém pode ver como e onde se extravvia, se isola e é despedaçado por algum minotauro da consciência” (NIETZSCHE, 1992, p. 29). Antes, contra tudo “aparentemente” estava dado, Nietzsche afirma que é preciso, insubordinável, desbravar labirintos

Aquele que refletir sobre os meios de levar o tipo homem a seu esplendor e a sua maior potência compreende que ele deve se manter fora da moral: pois a moral tem essencialmente por meta o contrário, tentar bloquear ou negar esta esplendida evolução no momento em que ela está em marcha. [...] Uma tendência hostil à vida é então própria da moral, na medida em que ela quer subjugar os tipos de vida mais fortes (NIETZSCHE, 1978, 5: 98).

Com a morte de Deus, resta apenas reconstruir humanamente o mundo e aprimorar interpretações dele explorando as potencialidades que se tem. O livre precisa fazer a passagem para além da moral e decidir seu destino pela própria vontade. Inclusive, num

movimento inverso ao da moral abandonada. Ao afirmar-se autodeterminado, o espírito livre expressa o sentimento de liberdade e se apresenta estranho à moral de rebanho.

Com base no eterno retorno, entende-se um pressuposto ético imbricado com a vontade de potência, isto é, a imoralidade. Nela, o homem se eleva como *Übermensch* para valorizar a existência e distanciar-se das instituições e ordenamentos “superiores”. Inversamente, a imoralidade é uma chave de leitura para um distanciamento da moral convencional. Para o homem estranho à moral de rebanho, estranho ao arrependimento, resta a possibilidade de querer infinitamente vivenciar a vida; mil vezes querer a própria vida. Responsável e seguro de suas decisões, deseja a existência a ponto de querer novamente “tudo de novo”. Contrapondo-se à servidão, ao instituído para a coletividade, o homem com toda força de se ser delimita para si a vida digna de ser vivida inúmeras vezes. Ao invés de desprezar a vida, quer, sobretudo, o eterno retorno a ela. Este é o posicionamento de quem recusa a inocência, reclamando para si o trágico e o desconhecido para viver sua responsabilidade intensamente.

Considerações finais

O homem imoral que não se limita a ler o mundo a partir de verdades está liberto das pressões institucionais e de ser governado por outros. Este pode, em fim, assumir-se humano, respeitar seus limites e encontrar-se consigo mesmo como artista da própria vida. Valorar então corresponde a assumir uma visão de mundo fora da ordem estabelecida. Uma vez detectada a obrigação da qual discorda, é possível vislumbrar a estrutura da ilusão afigurada como “conhecimento” da verdade. E nisso é possível destituir os discursos que legitimam o bem e o mal.

Assim, o discurso ou a palavra absoluta torna-se insustentável. Pela imposição de uma condição insustentável, minam-se os valores morais consubstanciados na força coercitiva do discurso que pressupõe as verdades para a coletividade arrebanhada. Por isso Nietzsche nos convida a investigar atentamente o histórico dos interesses ocultos nos valores. Isso nos mostra o quão importante é perguntarmos-nos pelos interesses de quem as instituições humanas estão a serviço (mesmo que momentaneamente).

Sem dúvidas, é preciso abarcar a fundamentação da interpretação tida como “verdadeira”. A crítica nietzschiana da moral significa agir para contestar valores produzidos

por discursos que, sorrateiramente, imprimem-se com o intuito de dominação com base em valores que, diga-se de passagem, também concordamos. Com isso, enfatizamos a interpretação humana da realidade situada no histórico das justificações humanas do pensar e agir dos indivíduos.

Neste ponto, implicamos a centralidade da temática da linguagem. Por ela se dá a relação do homem com o mundo, com a servidão ou com a liberdade. A crítica à moral perpetrada por Nietzsche critica o conceito de verdade nas argumentações que sustentam a autoridade do conhecimento; inclusive, as formas de pensar esse conhecimento. Ora, se a verdade é questionável – pondo-se a valoração distinta em critérios humanos, resta-nos suspeitar da instalação dos intentos empresariais e governamentais para conjecturar o sentido da vida e o provimento dela.

Contra o vazio de sentido e o pessimismo ante a capacidade humana, a resposta de Nietzsche está no constructo humano da verdade para justificar a realidade e os valores, que os indivíduos se pautam, para agir perante a vida e também questioná-los. Uma vez que o homem construiu a falsificação dos valores e providenciou a disseminação da crença neles, o homem também tem a capacidade de criar novos valores e colocar em *check* a falsificação deles. Não se trata de crer, mas de enxergar a criação e distinguir a vontade humana de determinar os sentidos do mundo.

Com o abandono de falsos valores e a possibilidade reinterpretá-los é o *Übermensch* que se coloca para além do domínio e subjugação como ser de liberdade. O desafio está em repudiar os discursos morais que visam aprisionar a potência da vontade criadora, e assim desinibir a autoria plena da própria história. Decerto, se compreendemos o problema da moral na filosofia nietzschiana, sem dúvidas, ela é perspectiva de ruptura com a tradição de valores coletivos. Um exigente e constante processo de afirmação do livre viver sem se guiar por noções convencionais.

No problema da verdade, a expressiva importância da imoralidade em Nietzsche está na ocorrência de que: A) corresponde uma concepção de verdade útil, visando-se uma adequação à realidade do indivíduo, e não a “atitude determinada” e ostensiva defesa dela; B) e que, nesse sentido, também a disposição de negar a moral convencional está em se livrar de pensamentos conservadores. Quanto a isso, C) o estímulo de repudiar e ser estranho à moral

que aprisiona indivíduos está em divergir do "rebanho" para se posicionar além do bem e do mal.

Ao livrar-se do domínio moral, conseqüentemente o imoral nietzscheano encontra-se com o seu "sobre-homem". E então o seu sentir, como indivíduo de ação, dá vazão à vontade de potência interessando-se pelo eterno retorno e as possibilidades da liberdade extra moral. Em Nietzsche, findado o bem e o mal como referências para o julgamento das ações humanas, pretende-se que a vida não seja degenerada pelas relações de forças entre os próprios homens. Como síntese, entende-se que o homem imoral é legítimo artista que tem, no prisma de sua vontade, a felicidade de sua existência ao assumir-se integralmente no mundo.

Referências bibliográficas

DELEUZE, G. *Nietzsche et la philosophie*. Tradução de Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Paris: Presses universitaires de France, 1962.

FOUCAULT, M. *Nietzsche, a genealogia e a história*. In: "A microfísica do poder". Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GIACÓIA, O. *Nietzsche & Para além de bem e mal*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2ª. ed. 2005.

HÉBER-SUFFRIN, P. *O "Zaratustra" de Nietzsche*. Trad. Françoise Balibar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1991.

JAPIASSÚ, H. *Introdução ao pensamento epistemológico*. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

NIETZSCHE, F. *Além do bem e mal: Prelúdio a uma filosofia do futuro*. Trad.: Paulo César de Souza. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999

_____. *Assim falou Zaratustra*. Trad. de Mário da Silva. São Paulo: Círculo do livro, 2004.

_____. *Crepúsculo dos ídolos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

_____. *Ecce Homo*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

_____. *Fragments posthumes. Automne 1884 – automne 1885. Oeuvres philosophiques complètes, XI.* Paris: Galimard, 1982.

_____. *Fragments posthumes. Automne 1885 – automne 1887. Oeuvres philosophiques complètes, XII.* Paris: Galimard, 1978.

_____. *Fragments posthumes. Automne 1887 – mars 1888. Oeuvres philosophiques complètes, XIII.* Paris: Galimard, 1976.

_____. *Gaia ciência.* Tradução de Paulo César de Souza São Paulo, Companhia das letras, 2002a.

_____. *Genealogia da moral.* Tradução de Paulo César de Souza São Paulo: Companhia das letras, 1999.

_____. *Humano, demasiado humano.* Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2002b.

MARTON, S. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos.* 2ª edição, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

WOTLING, P. *Nietzsche et le problème de la civilization.* 2ª. Paris: PUF, ed,1999.

VATTIMO, G. *Introdução a Nietzsche.* 1ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1990.